

Evento: XX Jornada de Extensão

**ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO
BÁSICA: UMA EXPERIENCIA DE DOCÊNCIA¹
PHYSICAL EDUCATION INTERNSHIP IN THE INITIAL YEARS OF BASIC
EDUCATION: A TEACHING EXPERIENCE**

Gaspar Schmidt Della Flôra², Fabiana Ritter Antunes³

¹ Pesquisa desenvolvida na disciplina Estágio Curricular Supervisionado II Curso de Educação Física - UNIJUI

² Aluno do Curso de Licenciatura em Educação Física da UNIJUI, gaspardellaflora@gmail.com

³ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, orientadora, fabiana.antunes@unijui.edu.br

Palavras - Chave: Brincadeiras; Cultura Corporal de Movimento; Jogos.

Keywords: Games; Body Moviment Culture; Play.

INTRODUÇÃO

A escola tem um papel imprescindível na formação humana do aluno, pois o ambiente escolar proporciona isso. A formação humana não acontece somente na sala de aula sendo conduzidas por um professor mas pelo contato informal com os outros alunos também, segundo Duarte e Souza (2010, p.3) “no enfoque Histórico-Cultural, ao nascer, a criança não nasce humana, mas aprende a ser humana na relação com outras pessoas, pelo processo de mediação e, por meio de situações vivenciadas”. Os alunos na escola conseguem viver esses dois processos de forma frequente, em todas as aulas eles passam pelo processo mediado e a todo momento passam por situações que lhes dão mais experiências para vida.

O Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais tem como objetivo incorporar no repertório das crianças uma maior compreensão da Cultura Corporal de Movimento. Para ir ao encontro de tal objetivo selecionamos para nosso estágio o tema de matriz africana e indígena e os Jogos e Brincadeiras das Regiões do Brasil, sendo o mesmo baseado no que no Referencial Curricular Gaúcho de acordo com o código alfanumérico (EF35EFO1RS-1),

Experimentar, recriar e fruir brincadeiras e jogos populares do Rio Grande do Sul, de outras regiões do Brasil e do mundo, incluindo aqueles

Evento: XX Jornada de Extensão

de matriz indígena e africana, valorizando a importância do patrimônio histórico cultural (2018, p.119),

Patrimônio esse que com a tecnologia dos jogos eletrônicos e massificação dos esportes muitas vezes fica esquecido. Buscamos com esse tema de ensino trazer novamente para dentro das salas de aulas os jogos e brincadeiras das culturais locais, indígenas e africanas, mas não de forma mecânica, mas sim fazendo abordagens históricas culturais para que os alunos se apropriem minimamente disso também.

METODOLOGIA

O presente trabalho desenvolve-se através de uma interferência de 24 aulas, em uma escola estadual do interior do Rio Grande do Sul, nos Anos Iniciais, mais precisamente em uma turma de terceiro ano com alunos entre 8 e 10 anos.

Assim, visa oportunizar as crianças a terem contatos com outras culturas as quais não estão acostumados, culturas das outras regiões do País, juntamente com a matriz indígena e africana através dos jogos e brincadeiras típicos de cada povo. Buscamos nesse trabalho levar até as crianças uma Educação Física embasada na Cultura Corporal de Movimento, onde seja possível levar mais que a matriz indígena e africana e os jogos e brincadeiras das regiões do Brasil, onde tenha espaço em nossas aulas para trabalhar uma contextualização de mostrar para as crianças onde ficam essas regiões no mapa, onde está o continente africano, como e porque os povos africanos vieram para o Brasil, ajudar a pensar porque vemos poucos índios pelas ruas se esse território é deles por origem, é conseguir levar tudo isso para dentro da sala de aula contextualizando com a Educação Física.

Nesse contexto foi tentando dar conta dessa gama de assuntos que pensamos todo nosso trabalho, proporcionar aos nossos alunos aulas que vão além de valências físicas, mas onde essas valências físicas tenham um papel fundamental na curiosidade de valências do intelecto, juntamente com a ludicidade própria dos jogos e brincadeiras, e do desenvolvimento de aspectos motores, rítmicos e de ordem atitudinal.

O nosso método de ensino foi em três partes, a primeira parte acontece na sala, é uma espécie de localização, onde será tratado o objetivo da aula, qual conteúdo será trabalhado e feito uma abordagem cultural do mesmo, que será chamada de conversa inicial. O segundo passo consiste na parte prática da aula, ela acontece no pátio ou na sala de educação física, esse é o momento de vivenciar corporalmente os jogos e brincadeiras específicos de cada região, chamaremos ela de procedimental. Já o terceiro momento é um momento de reflexão, avaliação, auto avaliação; É a parte da aula onde fizemos uma roda para discutirmos, escrevermos, desenharmos, expressarmos as dificuldades encontradas nos exercícios da aula, o nosso entendimento ou não da aula, avaliar se o objetivo da aula foi cumprido ou não, esse momento será denominado como conversa final.

Evento: XX Jornada de Extensão

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi sem dúvida alguma um trabalho gratificante, pois o que predominou em sala de aula foi o sorriso das crianças a cada brincadeira nova que era trazida até eles, a cada novo desafio, inclusive a curiosidade deles em saber como eram as brincadeiras em outras regiões, e quais eram as histórias dessas regiões. Não estávamos totalmente convencidos de que a maioria das crianças, tinham gostado de nossas aulas, mas no último dia de aula pedimos que eles desenhassem um *emoji* que representa-se eles nessas vinte e quatro aulas e de dezesseis alunos que realizaram esse feedback treze desenharam sorrisos e corações nos *emojis*.

O gráfico em forma de pizza busca quantificar em porcentagem os números do feedback. De um total de 100% que representa 16 alunos, 81% dos alunos gostaram ou amaram as aulas, essa porcentagem representa um total de 13 crianças, e os outros 19% que representam um total de 3 crianças não gostaram das aulas ou tem dúvidas. A presença do gráfico é interessante pois torna as coisas mais palpáveis de da fácil interpretação.

No aspecto de experiência sentimos que saímos muito, muito mais capacitados do que entramos pela primeira vez dentro daquela sala de aula. Por muitas vezes nos sentimos sem saber o que fazer, do início ao fim do estágio a cada nova situação uma dúvida diferente, isso por vezes foi evidente inclusive para os alunos. O que nos tranquiliza é que quanto mais tempo em sala de aula mais situações adversas acontecem e com o passar do tempo você adquire mais experiência pois a possibilidade de você já ter enfrentado certo tipo de adversidade é maior, e você já sabe o que fazer, ou pelo menos o que não fazer.

Quando pensamos através do campo do conhecimento, fazendo uma reflexão própria é nítido para nós que todo esse trabalho de estágio curricular nos proporcionou um salto qualitativo no que se refere ao embasamento teórico prático, seja em montar uma aula ou plano de ensino ou sobre o conhecimento de jogos e brincadeiras.

A nossa capacidade de improvisação, repertório de brincadeiras é muita mais amplo que antes, hoje ao ver materiais em escolas conseguimos pensar em alguma brincadeira, seja ela pronta ou adaptada ao espaço e o elemento visto. Isso nos dá a confirmação de que todas as horas pesquisando brincadeiras enriqueceu nosso repertório didático magnificamente.

Em todas as sistematizações das regiões fizemos feedback os alunos diziam qual brincadeira tinha mais gostado e qual menos e justificavam o porque. Revendo as nossas folhas de sistematização pudemos observar que a preferência dos alunos se dava na maioria das vezes pelo fato terem um bom desempenho na brincadeira, ou por já conhecerem ela, em raríssimas exceções uma brincadeira nova se tornava a preferida de algum deles, outro aspecto que foi evidente para nós é que as crianças enfrentem sérias dificuldades de trabalhar em grupo, enquanto time, equipe com a finalidade de superar o adversário, e alegaram não terem gostado dessas experiências nas nossas aulas.

Evento: XX Jornada de Extensão

Claro que esse nosso feedback não é 100% confiável, mas também não podemos o desconsiderar, pois muitas vezes percebemos as crianças votarem por afinidade, pelo amigo ter votado naquela atividade ou não, outras vezes votavam nas brincadeiras realizadas na última aula pois lembravam-se melhor dela, estavam eufóricos ainda com sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular supervisionado é indispensável para a formação do professor. É o momento em que nos aproximamos mais da realidade da nossa futura profissão, é o momento em que vivemos a nossa profissão dentro, da graduação. Claro que enquanto estagiários não vivemos a realidade escolar por completo, aquela do dia-a-dia mas é pelo estágio o nosso contato mais próximo com ela.

Esse estágio significou um crescimento muito grande no sentido de crescimento no sentido ver as crianças com um olhar mais subjetivo, como sujeitos dotados de histórias diferentes, os quais aprendem de forma diferente. Foi muito interessante no decorrer do estágio quando percebemos que determinados aluno tínhamos que falar de modo totalmente diferente de outros, que determinados alunos necessitavam de nossa atenção em particular mesmo sendo eles os mais autônomos da sala. Por muitas e muitas vezes em sala de aula conversamos sobre esses assuntos, mas quando estamos na prática no início dela parece que demoramos um pouco para fazer a retroalimentação e colocar todo esse embasamento teórico na prática, a nosso serviço, talvez seja uma fragilidade no diagnóstico ou falta de experiência para captar tudo o que está acontecendo dentro de sala.

A insegurança foi algo que sem dúvida nenhuma se fez presente nesse estágio, não perante o planejamento, pois confiava na minha proposta de ensino, mas sobre aquilo que eu não conseguia controlar, a reação das crianças. Vejo que saber trabalhar com comportamentos distintos foi uma de minhas principais dificuldades devido a minha falta de experiência com crianças, me encontrei várias e várias vezes sem saber o que falar sobre determinadas atitudes, e muitas vezes o que eu falava e o meu tipo de intervenção não surtiam resultado nenhum, isso me irritava profundamente, me deixava nervoso, por vezes até exagerava no tom da voz e acabava gritando com as crianças. Saber como fazer as intervenções, como levar uma aula, como deixar um aluno curioso e disposto a participar são desafios enormes e fazem toda a diferença em uma aula.

REFERÊNCIAS

DUARTE, L. F; SOUZA, M.C.R. **ESPECIFICIDADES DA INFÂNCIA E DIÁLOGOS NA PRÁTICA EDUCATIVA**. Cascavel, 2010.

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUI 2019

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XX Jornada de Extensão

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Estado da Educação. Departamento Pedagógico.
Referencial Curricular Gaúcho: Linguagens. Secretaria de Estado da Educação. Porto Alegre:
2018. V1.